

EXPERIÊNCIAS COM CONHECIMENTO HISTÓRICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TECENDO ALGUNS ELEMENTOS ORGANIZADORES

Analice Cordeiro dos Santos Victor*

Resumo

Este artigo apresenta reflexões subsidiadas por uma investigação realizada no Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, objetivando identificar e refletir sobre possíveis elementos organizadores relacionados ao trabalho pedagógico com temáticas históricas na educação infantil. A investigação adotou os princípios teórico-metodológicos da abordagem qualitativa, assumindo as diretrizes metodológicas da pesquisa colaborativa, tomando as professoras e crianças, entre quatro e cinco anos, como colaboradoras da investigação. Os dados da pesquisa presentes neste artigo foram construídos por meio de observações da prática, análise de documentos da instituição e entrevistas. Constatou-se que, ao articular esses elementos organizadores no planejamento de experiências envolvendo as temáticas históricas na educação infantil, os professores dessa etapa da educação estarão contribuindo, de forma intencional e sistemática, com o processo de construção da identidade pessoal pelas crianças.

Palavras-chave: Conhecimento histórico. Elementos organizadores. Educação infantil.

1. CONTEXTUALIZANDO A INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho constitui-se no recorte de uma pesquisa de doutorado originada nas inquietações/reflexões presentes em meu processo de constituição como professora da educação infantil, sempre marcado por constantes buscas e indagações acerca do “quê” e “como” ensinar¹. Uma dessas inquietações/reflexões estava relacionada a como planejar/sistematizar experiências envolvendo o conhecimento histórico junto a crianças da educação infantil.

Ao debruçar-me sobre a leitura de bibliografias relacionada a essa temática, percebi relações entre os conhecimentos históricos e a construção da identidade. Passei então a considerar a seguinte tese para a pesquisa: ao sistematizar experiências envolvendo temáticas históricas, junto às crianças da educação infantil, a professora poderá contribuir para a construção da identidade pessoal dessas crianças. Dessa compreensão surgiu, então, a seguinte questão de estudo: As situações didáticas que envolvem as temáticas históricas oferecem contribuições para a construção da identidade pessoal pelas crianças da educação infantil?

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: analicevictor@yahoo.com.br

Partindo desse questionamento, a pesquisa foi organizada em dois eixos: a construção da identidade pessoal da/na criança e as intervenções das professoras da educação infantil nesse processo, tomando como recorte suas práticas com temáticas históricas. Como desdobramentos desses eixos, visando uma melhor organização da investigação, foram definidos também como objetivos para esse estudo:

- favorecer o processo de construção da identidade pessoal por crianças da educação infantil por meio do planejamento, orientação, execução, observação e análise de situações de ensino.
- identificar e refletir sobre os elementos organizadores relacionados ao trabalho pedagógico com temáticas históricas na educação infantil.

A investigação adotou os princípios teórico-metodológicos da abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), assumindo as diretrizes metodológicas da pesquisa colaborativa (ZEICHNER, 2002; PIMENTA, 2007; LOIOLA, 2007; IBIAPINA; RIBEIRO; FERREIRA, 2007), tomando como colaboradoras² da investigação as professoras, 18 crianças entre quatro e cinco anos e uma coordenadora pedagógica³ do Núcleo de Educação Infantil (NEI), Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Os dados da pesquisa presentes neste artigo foram construídos por meio de observações da prática, análise de documentos da instituição e entrevistas, analisados com base nos estudos de Cooper (2002; 2006), Cavalcanti (1995), Dubar (2005), Ciampa (1998), Rüsen (2001), Bakhtin (1997), entre outros.

Neste artigo, tomo como objeto de análise a reflexão sobre possíveis elementos organizadores relacionados a experiências com o conhecimento histórico na educação infantil, identificados durante a investigação e apresentados no quadro abaixo:

Oportunizar o desenvolvimento da compreensão histórica pela criança mediante a interação intensa desta com os acontecimentos do passado, mediada pelo professor por meio de reflexão de natureza histórica.

Tomar a realidade da criança mais significativa como ponto de partida para se trabalhar os conhecimentos históricos de modo que estas percebam a sua própria historicidade.

Inserir a criança em ambiente que lhe permita compreender as variações produzidas no tempo, a produção de inferências a partir de fontes (visuais, orais e escritas) e a interpretações sobre o passado.

Propiciar à criança a participação em situações didáticas, envolvendo conhecimentos históricos que enfatizem aspectos relacionados aos modos de ser, viver e trabalhar de alguns grupos sociais do presente e do passado.

Proporcionar à criança a experiências com o conhecimento histórico por meio de atividades que envolvam histórias, brincadeiras, jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua e de outras comunidades.

Quadro 1 – Elementos organizadores relacionados a experiências com o conhecimento histórico na educação infantil.

Fonte: VICTOR, 2010.

O artigo está estruturado em três partes. A primeira se constitui na presente introdução, que contextualiza a investigação. A segunda parte, intitulada “O trançar dos fios para relacionar os conhecimentos históricos e a construção da identidade pela criança da educação infantil”, apresenta a análise dos dados a partir da apresentação de alguns elementos organizadores identificados como necessários ao trabalho com esse conhecimento. Por fim, a terceira parte, denominada “O arremate dos fios”, que, sob o formato de considerações finais, destaca algumas ideias construídas/reatfirmadas durante as discussões efetivadas na tentativa de apresentar uma síntese provisória da reflexão realizada no artigo.

Considero que a relevância desta investigação concerne à intenção de cooperar para ampliar a discussão a respeito de experiências envolvendo conhecimentos

históricos na educação infantil, apontando-os como um dos elementos mediadores na constituição da identidade pessoal pela criança, possibilitando, desse modo, a interlocução com outros professores sobre o planejamento de experiências com os conhecimentos históricos nessa etapa da educação.

2. O TRANÇAR DOS FIOS PARA RELACIONAR OS CONHECIMENTOS HISTÓRICOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A tarefa de ouvir as muitas, diferentes e singulares vozes das crianças e professoras colaboradoras da pesquisa em busca de entender *se* e *como* as temáticas históricas oferecem contribuições para a construção da identidade pessoal pela criança da educação infantil, evidenciou que a busca de uma identidade própria pela criança envolve a identificação (igualdade) em relação ao grupo social, mas passa, também, pela diferenciação do indivíduo singular em relação ao grupo, articulando diferenças e semelhanças.

Isso indica que a construção da identidade envolve a interação da criança com o meio, buscando estabelecer a sua diferenciação em relação aos objetos do seu entorno físico e social, imitando e se opondo ao outro (WALLON, 1981).

Nesse processo, as “teorizações” da criança acerca de si mesma resultam das suas experiências e são marcadas por mudanças ao longo do ciclo da vida. Desse modo, ora a criança se autodefine com base em atributos pessoais externos, como, por exemplo, cor de pele e de cabelo (PALACIOS; HIDALGO, 1995); ora, percebendo o próprio nome como sinal, como designação de si mesma (RUBINSTEIN, 1972); e, outras vezes, fazendo o uso do pronome “eu”. Este último aspecto, segundo Liublinskaia (1979), indica avanço no processo de tomada de consciência de si pela criança.

Compreendo que, para as instituições de educação infantil contribuir de fato na constituição do *eu* pela criança, demanda que o/a seu/sua professor/professora, como agente mediador do meio educativo, assuma o papel de administrar e organizar esse meio, mediante um trabalho planejado, racional, premeditado e consciente.

Penso que, desta forma, esse profissional terá condições de identificar, nas falas e produções das crianças, o que elas já sabem e o que precisam saber para, assim, construir novas estratégias que lhes permitam conquistar novos conhecimentos acerca do mundo e de si mesmas.

É nesse sentido que compreendo que a sistematização de situações didáticas envolvendo as temáticas históricas na educação infantil contribui no processo de construção da identidade pessoal pelas crianças, pois, ao se apropriarem do conhecimento histórico, elas vão reunindo informações que lhes permitem estabelecer as mais diversas relações, de modo a comparar práticas culturais de seu tempo com as práticas de outros tempos.

Nessa atividade, a criança busca relacionar a sua história ao conhecimento histórico ao qual teve acesso e, deste modo, organiza explicações e constrói respostas acerca do seu meio e de si própria. Assim, é possível, então, compreender que, no processo de internalização do conhecimento histórico, a criança vai se constituindo como sujeito e, desse modo, esse conhecimento pode ser concebido como elemento mediador na constituição de sua identidade pessoal.

É neste sentido que, tomando como referência as falas e ações das crianças e professoras colaboradoras da investigação e o diálogo com os teóricos que inspiraram as minhas análises, busquei identificar, na prática pedagógica observada durante a investigação, alguns elementos organizadores relacionados ao trabalho com o conhecimento histórico na educação infantil.

Um desses elementos organizadores indica que se faz necessário *oportunizar o desenvolvimento da compreensão histórica pela criança mediante a interação intensa desta com os acontecimentos do passado, mediada pelo professor por meio de reflexão de natureza histórica,*

como se pode observar na análise da situação didática a seguir, em que as professoras desenvolveram atividades que auxiliaram as crianças a compreender como surgiu a necessidade de se adotar o sobrenome⁴:

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO N° 7
<p>CONTEXTO: A situação aconteceu durante a roda inicial, com as crianças sentadas próximo ao painel contendo as informações relacionadas ao tema de pesquisa⁵ que estava sendo estudado.</p>
<p>[...] LINETE – ontem eu fui pesquisar e descobri que lá no início naquele... Bem antes daquele tempo que os homens lutavam, os cavaleiros lutavam com armaduras. Naquele tempo dos... Bem antes dos castelos as pessoas não tinham sobrenomes. Não precisavam ter sobrenomes. ARI – Por quê? [...] LIANE – Não tinha. Não precisava. Nossas cidades tinham poucas pessoas ainda. [...] LINETE – A população foi aumentando, aumentando e as pessoas passaram a ter posses, ser donas de coisas. De terra, donas de casarões, de castelos. Sabe o que aconteceu? Tinha que comprovar quando o homem, o pai da família morria... Ficavam brigando por causa da herança para poder saber quem é que ia herdar todas aquelas terras. Toda aquela fortuna que eles tinham. [...] Sabe o que aconteceu? [...] Eles começaram ter necessidade de identificar melhor as pessoas. Igual ao que a gente falou ontem que os sobrenomes servem para identificar as pessoas. [...] Eles tiveram necessidade de marcar de que família pertencia cada pessoa para saber quem ia ser os herdeiros daquelas terras. [...] Eles começaram a pensar assim [...] Como tinha vários João, um João outro João dizia que era dono da terra. <i>Como a gente vai saber quem é que é o dono da terra?</i> [...] Eles começaram a pensar. <i>Este João mora aonde? Ah, este João mora perto do rio tal.</i> O rio tinha o nome de Lima [...] <i>Então João é o João Lima porque mora lá perto do rio Lima.</i> Tinha outras pessoas que precisavam identificar. <i>E esse aqui? Ah, esse aqui é Pedro e esse aqui, também, é Pedro. Mas como é que a gente vai identificar esse Pedro e aquele outro Pedro?</i> Pensaram outro jeito de identificar. [...] <i>Tem rio perto? Não. E o que a gente pode pensar para poder marcar esse Pedro?</i> Às vezes o Pedro era filho de um homem que criava cordeiro. ARI – Ai Pedro Cordeiro. LINETE – É. Então esse Pedro vai ser Pedro Cordeiro. Outro Pedro era de um homem que morava num lugar que plantava muita oliveira. ARI – Então é Pedro Oliveira. LINETE – Esse Pedro é Cordeiro e o outro Oliveira. Era assim! Foi assim que foram inventados os sobrenomes [...] Houve um tempo e ainda existem lugares aonde não precisa colocar o sobrenome da mãe, só o do pai [...] Aqui não. Aqui a gente viu que a gente herda o sobrenome de quem? ARI – Da mãe e do pai. LINETE – Primeiro o da mãe, depois o do pai. [...] MAT – Quando eu tava morando lá no Brasil LINETE – Morando no Brasil! ((interrompendo a criança)) MAT – Ai eu era Mat Brasil. LINETE – Ah, sim! Olha, Mat tá pensando de um jeito de lá como tudo começou, por exemplo, se fossem identificar Mat. <i>E esse Mat, ele veio de onde? Ele é lá do Brasil. Então ele vai ser Mat Brasil.</i> [...] <i>essa pessoa aqui mora naquele lugar que tem muitas rochas. Então, vai ser Rocha o sobrenome dela.</i> E esse aqui? Ah ele é filho de um homem que trabalha com ferro. E esse homem que trabalha com ferro, qual é o ofício dele? CRIANÇAS – Ferreiro. LINETE – Então o sobrenome dele vai ser Ferreiro. Depois foi mudando Ferreira, Ferreiro. Foi assim que foram se criando os sobrenomes, sabia?</p>

Quadro 2 – Conversa sobre como surgiu a necessidade de se adotar o sobrenome.

Fonte: Observação n° 11, de 3 abr. 2008. (transcrição do DVD 3). Acervo da autora, 2008.

Nessa situação didática, evidencia-se que o trabalho com este recorte histórico oportunizou às crianças ser localizadas culturalmente (definida pelo

outro) e localizar-se em um sistema cultural (definindo-se para si). Aspectos importantes na constituição da identidade – atos de atribuição (identidade para o

outro) e de pertencimento (identidade para si) (DUBAR, 2005).

Nessa perspectiva, a identidade cultural constitui-se enquanto modalidade de categorização da distinção nós/eles baseada na diferença e semelhança cultural. Como já mencionado, este é um par a ser considerado na compreensão da construção da identidade, pois ela é a articulação da diferença e da igualdade constituindo e constituída por uma história pessoal (CIAMPA, 1998).

Assim, ao organizarem situação didática, possibilitando a turma o contato com a sua identidade cultural, apoiando-se num recorte do conhecimento histórico, as professoras proporcionaram às crianças perceberem que o “eu” e o “nós” são distintos de “outros” de outros tempos. “Outros” que, no entanto, devem ser percebidos como o “antepassado”, que legou uma história e um mundo específico para ser vivido e transformado (BRASIL, 1997).

Esta compreensão remete ao caráter objetivo e subjetivo da identidade. Acerca desse caráter, Laurenti e Barros (2000) afirmaram que a objetividade da identidade seria o que o indivíduo concretiza aquilo que tem sido vivido, enquanto que a subjetividade está no que ele pode “vir-a-ser”, baseado nas experiências passadas. Isso é possível porque a pessoa não absorve passivamente o mundo social, mas apropria-se do mesmo de maneira ativa, o que lhe tem garantido, historicamente, a possibilidade de criar, no futuro, suas experiências, na constante busca de semelhanças e dessemelhanças que marcam a vida social na construção da singularidade.

A partir dessa análise é possível entender que é por intermédio do legado histórico e cultural herdado dos antepassados que os indivíduos vivenciam seu processo identitário, encontrando nesse legado elementos para a articulação das semelhanças e diferenças.

Imbuídas em entender como foi se constituindo o legado do sobrenome herdado de seus antepassados,

algumas crianças tentaram imaginar como seriam se fosse outro, como fez Mat ao anunciar: “Quando eu tava morando lá no Brasil [...] Aí eu era Mat Brasil”.

Tentativa valorizada por Linete, ao socializar e interpretar para o grupo a iniciativa da criança: “Olha, Mat tá pensando de um jeito de, lá, como tudo começou, por exemplo, se fossem identificar Mat. E esse Mat, ele veio de onde? Ele é lá do Brasil. Então, ele vai ser Mat Brasil.”

Essa experiência de trabalhar a origem do uso dos sobrenomes contribui para desenvolver consciência do passado no contexto da própria vida das crianças. Por meio da história sobre um passado mais distante, a criança pode ir compreendendo mais sobre quem ela é e sobre suas semelhanças e diferenças com humanos de outros tempos e lugares. É, também, uma experiência que pode permitir conceber o conhecimento histórico como “um modo particular de um processo genérico e elementar do pensamento humano”, conforme afirmou Rüsen (2001, p. 56). Então, esse conhecimento oferece elementos para que os humanos interpretem o mundo e a si mesmos se transpondo para além de sua perspectiva temporal, ou seja, do que ele e seu mundo são a cada momento, como elucidou a fala de Mat.

Essa situação me remete a duas análises, primeiro a de que o exercício de se colocar no lugar do outro, de perceber-se em outro tempo, é necessário à explicitação da consciência de si mesmo. Perceber-se e perceber o outro – de um tempo passado ou do presente, reconhecendo semelhanças e diferenças – é um requisito importante na constituição da identidade pessoal.

A outra análise se refere ao papel do diálogo e da interação como forma básica na tomada de consciência de si, uma vez que essa tomada de consciência significa ser para o outro, por meio do outro e para si. Sobre esta questão, Jobim e Souza (2003, p. 83) afirmou que “[...] tudo o que diz respeito a mim chega a minha consciência através do olhar e da palavra do outro, ou

seja, o despertar da minha consciência se realiza na interação com a consciência alheia”.

Interação propiciada por Linete, ao socializar para o grupo o recorte histórico acerca da origem do uso do sobrenome. Essa experiência propiciou um ambiente interativo e dialógico povoado pelos dizeres de muitos “eus” e muitos “outros”, uma vez que a aprendizagem – inclusive aquela acerca de si mesmo – é sempre fruto de interações. Entre essas interações encontra-se a interação verbal, na qual a palavra é concebida como o modo mais puro e sensível da relação social (BAKHTIN, 1997).

Bakhtin (1997) destacou que a palavra é o primeiro meio de consciência individual, pois, para ele, a consciência não se desenvolveria se não dispusesse de material flexível veiculável pelo corpo. Esse material é a palavra. Tal afirmação me conduz à compreensão de que a construção da identidade pessoal (pré)supõe que a criança construa sua consciência histórica e que compete ao professor, pela palavra, contribuir para que a criança desenvolva esta consciência mediante o estudo do passado.

Desse modo, conhecer o passado só faz sentido se essa prática permitir à criança se orientar no seu tempo, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua consciência histórica. Rüsen (2001) observou que esse tipo de consciência envolve operações mentais com as quais os humanos interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de modo a poder orientar intencionalmente a sua vida prática no tempo, podendo, então, perceber a sua historicidade.

Rüsen (2001) concebeu a consciência histórica como as situações genéricas e elementares da vida prática dos humanos – suas experiências e interpretações do tempo. Deste modo, depreende-se que essa consciência tem relação imediatamente com a vida humana prática é, então, neste sentido, que a consciência histórica pode ser entendida como:

[...] um modo específico de orientação do sujeito ao buscar compreender uma realidade passada em situações-problema do presente. Dessa forma o sujeito buscaria uma orientação social, uma tradução do passado ao presente onde a história faria sentido, ganhando um nexo significativo na relação do(s) sujeito(s) com as relações de tempo – o passado, presente e futuro (ARRUDA et al., 2009, p. 3-4).

Compreender a consciência histórica nessa perspectiva contribui para que, ao estudar o passado, este não seja visto como deficitário, como atrasado face ao presente e ao que será o futuro (GAGO, 2007)⁶, mas, sim, como possibilidade de entender que as práticas culturais, como o uso do sobrenome, têm origem nas necessidades de determinado grupo situado em tempo e espaço, também determinados. E, como tal, são passíveis de serem modificadas.

Outro elemento organizador identificado como imprescindível ao trabalho pedagógico com o conhecimento histórico na educação infantil, refere-se à necessidade de *tomar a realidade das crianças mais significativa como ponto de partida para trabalhar os conhecimentos históricos de modo que estas percebam a sua própria historicidade*. Esse elemento se evidenciou na fala da professora Linete durante as entrevistas:

[...] É, eu acho que à medida que a gente, junto com as crianças [...], vai em busca desse conhecer, investigar essa história mesmo. O nome delas, como foi essa escolha [...] todo o contexto que envolveu essa escolha. A relação desse nome, muitas vezes, com os parentescos, com o pai, com a mãe, com os avós, com a família, a criança está se apropriando dessa história [...], ela começa a se perceber no mundo, ela começa a se perceber como alguém, como um ser no mundo (Linete, protocolo nº 2).

Essa experiência de trabalhar a história de vida das crianças como um tipo de conhecimento contribui para desenvolver a consciência do passado no contexto de suas próprias vidas. Por meio de histórias sobre o passado mais distante de sua família, a criança foi compreendendo mais sobre quem ela é, e sobre suas

semelhanças e diferenças com os outros de sua família e com os seus colegas de sala – seus outros pares sociais.

Acerca do trabalho com a história de vida das crianças, a professora Dyane, coordenadora pedagógica, em situação de entrevista fez a seguinte observação:

[...] Apesar de que essa história de vida que saber que o sobrenome vem do pai e da mãe é uma história. Mas eu acho que ele daí foge dessa história familiar e ele vai para uma História mesmo História (Dyane, protocolo nº3).

Nessa afirmação, percebe-se que Dyane, ao mesmo tempo em que reconhece a historicidade na história de vida das crianças indicando, conforme afirmou Heller (2000), que a História explica a natureza humana, também procurou explicitar que algo diferencia essa história das crianças ao pontuar a existência de uma História que é *mesmo História*.

Essa constatação evoca o conceito didático de História de Andrade:

Primeiramente entende-se por história a própria maneira dos seres humanos produzirem suas vidas, suas formas de relacionamento, entre si e com a natureza, no sentido de proverem as necessidades e obterem os meios indispensáveis à sobrevivência dos indivíduos e da espécie. Daí a designação história-vida [...] Por história-ciência entende-se as tentativas de conhecer e explicar estas diversas formas do ser humano produzir a vida em diferentes épocas e lugares. É o relato, a descrição, a investigação, a análise, enfim, a realidade reconstituída pelo pensamento, o conhecimento sobre os aspectos fundamentais das diferentes formas de existência das sociedades humanas e suas transformações (ANDRADE, 1992, p. 16).

Penso que, assumindo concepções como essa proposta por Andrade, será possível aos professores e crianças a reflexão sobre a sua historicidade, percebendo-se como agente da História e desenvolvendo a sua capacidade de pensar historicamente.

Compreendo que, ao articular esses elementos no planejamento de situações didáticas envolvendo as

temáticas históricas na educação infantil, os professores dessa etapa da educação estarão contribuindo de forma intencional e sistemática com o processo de construção da identidade pessoal pelas crianças.

3. O ARREIMATE DOS FIOS

Considero que, para esse momento, consegui pontuar as contribuições da investigação por mim empreendida. Entretanto, não há pretensão em considerá-la trabalho exaustivo sobre a temática tratada, mas como contribuição à reflexão sobre a sistematização de experiências envolvendo o conhecimento histórico na educação infantil, evidenciando que, no processo de internalização desse conhecimento, a criança vai se constituindo como sujeito e, desse modo, tal conhecimento pode ser concebido como elemento mediador na constituição de sua identidade pessoal.

Neste sentido, recomendo que o trabalho envolvendo o conhecimento histórico na educação infantil tenham como ponto de partida a experiência e a realidade mais significativa da criança – a sua história – permitindo-lhe perceber esse conhecimento como construção dos humanos, tendo como matéria-prima a sua forma de se relacionar com o seu meio social e natural.

EXPERIENCES WITH HISTORICAL KNOWLEDGE IN CHILDREN EDUCATION: WEAVING SOME ORGANIZING ELEMENTS

Abstract

This article presents reflections subsidized by an investigation carried out at the Child Education Center, College of Application of the Federal University of Rio Grande do Norte, aiming at identifying and reflecting on possible organizing

elements related to the pedagogical work with historical themes in the infantile education. The research adopted the theoretical-methodological principles of the qualitative approach, assuming the methodological guidelines of the collaborative research, taking the teachers and children, between four and five years, as collaborators of the research. The research data presented in this article were constructed through observations of the practice, analysis of the institution's documents and interviews. It was verified that, in articulating these organizing elements in the planning of experiences involving the historical themes in the Infantile Education, the teachers of this stage of education will be contributing, in an intentional and systematic way, to the process of the construction of the personal identity by the children.

Keywords: Historical knowledge. Organizers Elements. Infantile Education.

EXPERIÊNCIAS COM CONHECIMENTO HISTÓRICO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: TECENDO ALGUNOS ELEMENTOS ORGANIZADORES

Resumen

Este artículo presenta reflexiones subsidiadas por una investigación realizada en el Núcleo de Educación de la Infancia, Colegio de Aplicación de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte, con el objetivo de identificar y reflexionar sobre posibles elementos organizadores relacionados al trabajo pedagógico con temáticas históricas en la Eeducación Iinfantil. La investigación adoptó los principios teórico-metodológicos del

abordaje cualitativo, asumiendo las directrices metodológicas de la investigación colaborativa, tomando a las profesoras y niños, entre cuatro y cinco años, como colaboradoras de la investigación. Los datos de la investigación presentes en este artículo fueron construidos por medio de observaciones de la práctica, análisis de documentos de la institución y entrevistas. Se constató que, al articular esos elementos organizadores en la planificación de experiencias que involucran las temáticas históricas en la Eeducación Iinfantil, los profesores de esta etapa de la educación estarán contribuyendo, de forma intencional y sistemática, con el proceso de construcción de la identidad personal por los niños.

Palabras clave: Conocimiento histórico. Elementos organizadores. Educación infantil.

NOTAS:

- ¹ Essas duas questões estão relacionadas aos três pilares que Alarcão, Infante e Silva (1996) apontam como base para a construção do conhecimento profissional do professor: aqueles que guardam vínculo com os conteúdos a ensinar (o quê); com os sujeitos que aprendem (quem); e os relacionados com as tarefas que os educadores realizam e que são instrumentais para a aprendizagem (como).
- ² As professoras (Liane e Linete) e a coordenadora pedagógica (Dyane) receberam nomes fictícios criados pela pesquisadora utilizando a técnica de anagrama. Esta técnica consiste em formar palavra a partir da transposição das letras de outra palavra.
- ³ A definição da coordenadora pedagógica como colaboradora da pesquisa ocorreu porque, de certa forma, eu estaria interferindo no seu trabalho e ela no meu, uma vez que os meus encontros com as professoras colaboradoras aconteceriam nos horários de planejamento que, quinzenalmente, conta com a participação da coordenação.
- ⁴ A discussão sobre a necessidade de se adotar um sobrenome estava inserida no estudo desenvolvido junto à turma que buscava responder, entre outras questões: *Por que a gente tem sobrenome? De onde vem o sobrenome?* O interesse por essas questões foi suscitado devido à introdução do sobrenome das crianças no cartão de chamada.
- ⁵ O Tema de Pesquisa é o procedimento metodológico adotado pela equipe do Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP) desde a década de 1980, cujos princípios tentam considerar as experiências de vida e os valores socioculturais das crianças, oportunizando uma ampliação e atualização desse repertório por meio de

vivências diversas. Em sua proposta, percebemos a articulação de três dimensões básicas nos processos de ensinar/aprender: o conhecimento que se quer tornar disponível às crianças; o contexto sociocultural das crianças, ou seja, suas realidades imediatas; os aspectos vinculados diretamente à aprendizagem, aqui concebida como processo que propicia mudanças no desenvolvimento humano por meio da construção e internalização de normas, conhecimentos, valores e habilidades da cultura e da sociedade..

⁶ Le Goff (2003, p. 207) observou que “na consciência histórica, as conexões passado/presente/futuro apresentam-se de vários modos [...] o passado pode ser apresentado como *modelo* [...] do presente ou idade mítica [...] o presente em relação ao passado [...] como *decadência* ou progresso; o futuro aparece em relação ao presente ou ao passado também como *decadência*, progresso ou *poligênese* [...] e, ainda, o presente em relação ao passado, tal como o passado menos remoto em relação a um passado mais remoto, como a *Antiguidade* em relação à *Modernidade* [...] o passado menos remoto, o presente e o futuro, em relação ao passado como retorno, renascimento, recorrência. Finalmente, relação entre passado/presente ou presente/futuro aparentemente progressistas têm uma substância reacionária e vice-versa.” (Grifos no original).

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel; INFANTE, Maria José.; SILVA, Maria Susana. Descrição e análise interpretativa de episódios de ensino: os casos como estratégias de supervisão reflexiva. In: ALARCÃO, Isabel. (Org.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora, 1996. p. 151-169
- ANDRADE, João Maria Valença de. *Que história é essa?* Análise de livros textos de história para o ensino de primeiro grau. 1992. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1992.
- ARRUDA, Celine Nishikawa et al. *A organização das idéias e sentidos sobre a história: uma investigação com alunos das séries iniciais do ensino fundamental*. Disponível em: <www/2.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos>. Acesso em: 16 set. 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOGDAN, Robert.; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 5.
- CAVALCANTI, Zélia (coord.). *Trabalho com história e ciências na pré-escola*. Porto Alegre: Artes Médica, 1995.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *História do Severino e a história da Severina: um ensaio da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GAGO, Marília. Concepções de passado como expressão de consciência histórica. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n. 1, p. 127-136, jan./jun. 2007. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org>. Acesso em: 19 set. 2009.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo; RIBEIRO, Márcia Maria Gurgel; FERREIRA, Maria Salomilde (Org.). *Pesquisa em Educação: múltiplos olhares*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- JOBIM E SOUZA, Solange. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: JOBIM E SOUZA, Solange; FREITAS, M. T.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisas: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 77-94.
- LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari Nilza Ferrari. Identidade: questões conceituais e contextuais. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, v. 2, n. 1., jun. 2000. Disponível em: <www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13>. Acesso em: 1 out. 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- LIUBLINSKAIA, A. A. *Desenvolvimento psíquico da criança*. Lisboa: Editorial Notícias, 1979.
- LOIOLA, Laura Jeane Soares Lobão. *Contribuições da pesquisa colaborativa e do saber prático contextualizado para uma proposta de formação continuada de professores de educação infantil*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., Caxambu, 2005. Anais. Disponível em: <www.gto71555int.br>. Acesso em: 25 nov. 2007.
- PALACIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da personalidade nos anos pré-escolares. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. (Org.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Tradução de Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médica, 1995. v. 1. p. 178-189.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir da experiência com a formação docente. *Educação e Pesquisa* [online], v. 31, n. 3, p. 521-539, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep>. Acesso em: 2 nov. 2007.

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovich. *Princípios de psicologia geral*. Lisboa: Estampa, 1972.

RÜSEN, Jörn. *A razão histórica: teoria da história, os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

VICTOR, Analice Cordeiro dos Santos. *Aí eu era Antônio Brasil: contribuições de situações didáticas com conhecimentos históricos para a construção da identidade pessoal da criança na educação infantil*. 2010. 212 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

ZEICHNER, Kennet. Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Org.). *Professora pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 25-54.

Enviado em 30 de março de 2016.

Aprovado em 30 de abril de 2016.